

Comentário sobre a tarefa do IEB – um posto de experimentação interdisciplinar

Disciplinas: recortes institucionais / acadêmicos que delimitam campos nos domínios do conhecimento. Seu desenvolvimento está implicado na gestação e consolidação das ciências modernas. No interior de cada disciplina criam-se as regras, os métodos, os procedimentos de formação e de recrutamento de profissionais e os lugares de debate e divulgação dos seus conhecimentos (revistas científicas, encontros das associações disciplinares, p. ex.). Assim, disciplinas regulam e organizam a (re) produção do seu saber e do corpo profissional de cientistas, de modo que o conhecimento se acumule controladamente. Em sua história, a criação de campos, na verdade “territórios” (e a metáfora nos parece bem produtiva), conheceu diversas operações de seleção, de distinção e, mesmo de fechamento, que conferiram autonomia e especificidade a cada disciplina, tanto uma em relação às outras, como em relação aos saberes, discursos e criações fora do âmbito acadêmico, que, por sua vez, compõem a ordem cultural geral.

Pluridisciplinaridade (multidisciplinaridade): membros das diversas disciplinas são convidados à cooperar, quando a temática é vizinha e ou complementar. Assim a pluridisciplinaridade combina, associa vários saberes sempre mantidos como autônomos (com sua linguagem própria e suas técnicas específicas), mas que juntos podem resolver questões específicas.

Interdisciplinaridade: já não é uma soma de saberes de disciplinas bem delimitados, trata-se agora de atuar sobre as intersecções das disciplinas, de ir observar o que se passa entre as disciplinas. Mais difícil que a multidisciplinaridade, é um estágio mais avançado, mais arriscado também, pois pode confundir a imagem disciplinar, porém o entre – na intersecção podem-se notar originalidades, inviáveis de outro modo. Ninguém sai incólume da interdisciplinaridade.

Transdisciplinaridade: (“transe”) situação mais complicada, mais elevada. Há um objeto a se construir, a se estudar. Entrar em transe é ser posse do outro, sem ser o outro. É partir de um terreno e circular no terreno dos outros, vendo seus pontos de vista, mas ainda sem ser o outro. Nessa transumância chegar a abordagens sobre os objetos, que nenhuma disciplina chegaria sozinha.

COMO REALIZAR ESSAS INTERAÇÕES DISCIPLINARES? Nada é fácil, nem a primeira. Histórias e culturas próprias, *status* diferenciado fecundam rivalidades, mais que meios de colaboração simples.

E é preciso saber que as disciplinas (as ciências por decorrência) são profundamente desiguais em diversas direções: por conta de seus objetos, por conta dos estilos epistemológicos, por conta de substância filosófica diferencial etc.

O que considerar. Três sugestões:

1. *Diferenciar filosofia de ciência*

2. *Notar a diferença de abordagens transversais (dimensionais) para as territoriais na delimitação dos objetos de estudos*

3. *Considerar as diferentes identidades científicas diferentes: empírico-analítico; histórico-hermenêutico*